

**O ECOSSOCIALISMO DE KARL MARX: CAPITALISMO, NATUREZA E A CRÍTICA
INACABADA À ECONOMIA POLÍTICA [KOHEI SAITO]**

DOI: <http://10.9771/gmed.v13i2.45046>

Marizete Andrade da Silva¹

Título: O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política

Autor: Kohei Saito

Tradução: Pedro Davoglio

Editora: Boitempo

Ano da publicação: 2021

Páginas: 352

A obra **O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política** (2021), escrita pelo professor da Universidade de Osaka/Japão Kohei Saito, se insere de forma destacada na luta pela defesa do legado ecológico de Karl Marx, baseando-se na perspectiva de que o conflito da ecologia com as relações capitalistas de produção é elemento imprescindível para compreender a economia política do filósofo alemão. Como sustenta o autor, é possível identificar na vasta produção teórica de Karl Marx inúmeros argumentos óbvios que indicam seu forte interesse por questões ecológicas e que foram amplamente negligenciados por muito tempo, mas que atualmente não existem razões para tal omissão.

Ao conduzir este estudo exploratório sobre uma dimensão ecológica no pensamento marxiano, Saito se fundamenta nas contribuições que John Bellamy Forster e Paul Burkett ofereceram a este debate, mas incorpora uma reconstrução extremamente precisa dos estágios de desenvolvimento do pensamento ecológico do teórico do capital. O que emerge de sua pesquisa é uma visão marxista ressignificada da necessidade de um futuro ecossocialista com rigor analítico e embasamento histórico. A nova contribuição de Saito para esta discussão vem principalmente em detalhar uma interpretação radicalmente sistemática de Marx como um pensador ecológico.

Uma das características fundamentais da investigação de Saito se refere a análise de uma coletânea abrangente de materiais de fonte primária e publicações recentes de periódicos do projeto Marx - Engels Gesamtausgabe (MEGA), a maior coleção de escritos de Marx e Engels que existe em vários idiomas, com permanente trabalho de atualização, revisão e com novas traduções de manuscritos, periódicos e cartas. Saito expande o trabalho de Foster e outros que somente podiam interpretar a crítica ecológica do capital

de Marx como sendo esporádica em seus escritos e exigindo um salto analítico maior devido à falta de fontes acessíveis ou completas. Ao contrário da maioria dos estudiosos deste debate, ele leva em consideração trechos publicados e não publicados, notas e registros pessoais de Marx; rastreia o texto e o contexto de qualquer uso específico de termos ecológicos; e identifica as figuras influentes das ciências naturais e ciências agrícolas que aparecem na escrita ecológica de Marx. O conteúdo disponibilizado pela MEGA possibilita uma reorientação da crítica de Marx ao capital como sendo definido sistematicamente por crises ecológicas, em vez de tratá-las como uma preocupação secundária. Assim, a mensagem cardinal do livro de Saito é que a preocupação sobre ecologia no pensamento de Karl Marx é maior do que comumente se acredita.

Marx faz uma abordagem notável em **O capital** sobre a troca metabólica (Stoffwechsel) entre natureza e sociedade. O trabalho torna-se o mediador universal na relação do homem com a natureza. “O trabalho é, num primeiro momento, um processo entre a natureza e o homem, processo em que este realiza, regula e controla por meio da ação, um intercâmbio de materiais com a natureza.” (MARX, 2013, p. 256). Ao mudar a natureza externa também muda a si mesmo. Todavia, essa reciprocidade adquire um caráter destrutivo no modo de produção capitalista: o capital explora a natureza de tal modo que causa perturbações na troca metabólica entre o homem e a terra, impedindo o retorno ao solo dos elementos constituintes consumidos pelos seres humanos e dificultando o funcionamento das condições naturais que são essenciais para a fertilidade do solo.

Uma das preocupações centrais do livro, sobre a qual o leitor é lembrado recorrentemente, é o impacto da química agrícola de Justus von Liebig sobre a formação do conceito de Marx de interação metabólica entre a natureza e a sociedade. “O novo desenvolvimento da teoria do metabolismo de Liebig e do ‘cultivo de roubo’ ressoa como uma virada crítica significativa no projeto socialista de Marx, como a reabilitação consciente da unidade entre humanidade e natureza” (p.222), destaca Saito.

A ideia de um “cultivo de roubo”, teoria apresentada por Liebig em sua obra clássica **Química agrícola** (1862) se converterá em uma referência essencial para a formulação de uma “ruptura metabólica entre ‘campo e cidade’ que Marx enfatizará em **O capital**. A crítica aos sistemas de “cultivo de roubo” denuncia tanto a forma moderna de prática agrícola quanto a sua produtividade decrescente como resultado do manejo e uso predatório e irracional do solo. A historicização da agricultura moderna fornecerá uma base científica útil para recusar tratamentos lineares e marcadamente abstratos do desenvolvimento agrícola. Mesmo após o ano de 1867 a crítica ecológica do capitalismo continuará sendo matéria de seu interesse, a exemplo da atenção que dispensará aos trabalhos do botânico Carl Fraas, particularmente, aos livros **O clima e o mundo vegetal ao longo do tempo: uma contribuição à história de ambos** (1847), **Natureza da agricultura** (1857) e **As crises agrárias e seus remédios** (1866). Posterior à aproximação do pensamento de Fraas sobre a desertificação e a destruição do solo no decorrer da história das civilizações baseadas na divisão de classes, Marx analisa que, sob o capitalismo estes fenômenos se expandiram e intensificaram de distintas formas e, deste modo, tornam-se impossíveis de serem reparados no âmbito do moderno sistema que compreende o complexo trabalho-produção

alienado. Ele chega à conclusão de que a destruição ecológica na vigência do capitalismo representa uma ‘tendência socialista inconsciente’. Neste sentido, o conceito de metabolismo se torna o eixo fundante de uma teoria que se refere aos aspectos ecológicos do desenvolvimento histórico da humanidade, o que sinaliza para a exigência de restaurar um metabolismo social não alienado perante a destruição que o capitalismo engendra, assim como da constituição de uma sociedade substantivamente igualitária e ecologicamente sustentável, ou seja, do socialismo. Estas questões não estão apartadas da crítica político-econômica que Marx apresentou ao capitalismo como um modo de produção fundamentado na exploração da força de trabalho. Na verdade, o capitalismo promove o esgotamento das fontes originais de toda a riqueza – o solo e o trabalhador.

Kohei Saito, ao mesmo tempo em que faz o reconhecimento de um Marx que compreende as limitações naturais como fenômenos que necessitam ser mediados de maneira racional na mudança da forma da sociedade organizar-se economicamente, também corrigiu a ideia de que Marx defendeu o desenvolvimento tecnológico enquanto processo ilimitado, como uma lei natural da história e que pressupunha o domínio absoluto sobre a natureza. Em comparação ao **Manifesto comunista**, ele nitidamente rejeita em **O capital** a ideia ilusória de que o desenvolvimento das forças produtivas em termos tecnológicos significa a manipulação arbitrária da natureza, modificando de maneira sistemática o mundo sensível externo e convertendo-o em uma segunda natureza. De uma maneira distinta, Marx argumenta que o livre desenvolvimento humano e a deterioração das condições materiais de produção são resultados da negligência das características materiais, isto é, sua perspectiva da sociedade futura está intrinsecamente relacionada com uma forma cuidadosa e sustentável de interação com a natureza pautada em uma identificação diferente de suas limitações.

A teoria do valor de Marx demonstra de maneira notável que o capital se opõe a limitação fundamental dos recursos e forças naturais devido seu impulso que direciona para à autovalorização infinita. Esta é uma contradição medular do modo de produção capitalista e a interpretação de Marx se desenvolve no sentido de identificar os limites desse impulso imensurável para a acumulação do capital no cerne do mundo material. A distinção entre capital e natureza se revela em um número crescente de esferas, de forma tal que o domínio do capital integra inúmeros setores produtivos e organiza a totalidade da vida privada e social.

Para Saito não há um apelo em Marx para o retorno à “natureza enquanto tal”, isto é, existindo de maneira independente em relação aos seres humanos. A sociedade e a natureza necessitam ser compreendidas a partir de uma inter-relação dinâmica, e sua compreensão científica justifica a singularidade do modo de produção capitalista enquanto uma organização histórica desse metabolismo transitório e a conseqüente ausência de estabilidade de nossos ecossistemas. Aqui, a teoria da reificação de Marx assume um papel fundamental, pois aponta como as determinações da forma econômica são notavelmente “ossificadas como propriedade de uma coisa no curso do desenvolvimento capitalista, e como as necessidades humanas, junto com o mundo sensível externo, são radicalmente transformados de acordo com a lógica do capitalismo.” (p.322). As propriedades materiais estão suscetíveis a modificações e

a “elasticidade material” fundamenta a reorganização do mundo, ainda que o capital não tenha capacidade para superar completa e arbitrariamente os limites da natureza. A teoria do valor se desenvolve em relação aproximada com a questão referente as rupturas metabólicas. Após se distanciar da filosofia, Marx deixa de confrontar este problema face a uma interpretação ontológica geral entre natureza e seres humanos. O que ele passou a analisar, em vez disso, foram os limites materiais sob as circunstâncias concretas das ciências naturais e da tecnologia. A contradição entre natureza e capital não leva ao imediato colapso da reprodução do capital, e disso Marx estava ciente. A elasticidade material pode permitir ao capital superar seus limites, explorar de maneira extensa e intensa os trabalhadores, criar tecnologias, encontrar novas matérias-primas e expandir mercados globais e colônias.

Existe muito trabalho a ser desenvolvido para investigar sobre o ecossocialismo de Marx. O que foi utilizado para fundamentar os estudos de Saito representam apenas parte do que Marx escreveu durante toda a sua vida. Falta investigação referente a publicação integral de cadernos que mostram o desenvolvimento de sua consciência ecológica nos seus últimos quinze anos de vida e que compõem a quarta seção do MEGA. No entanto, **O ecossocialismo de Karl Marx** é um acréscimo indispensável à crescente literatura sobre o ecossocialismo marxista. Kohei Saito oferece aos leitores uma orientação teórica rigorosa, contudo acessível sobre as razões pelas quais a fratura metabólica foi essencial para o projeto socialista de Marx. Em sua conclusão, Saito enfatiza que “Marx não respondeu a todas as perguntas e não previu o mundo de hoje, mas isso não quer dizer que sua ecologia seja inútil. É inegável que sua crítica ao capitalismo fornece uma base teórica extremamente útil para uma investigação crítica adicional da atual crise ecológica e que, no que diz respeito à ecologia, os cadernos de Marx podem demonstrar sua grande importância” (p. 329).

Referências:

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013.

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política**. São Paulo: Boitempo, 2021.

Notas

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Marx, Trabalho e Educação (GEPMTE) - FAE/UFMG. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983800954558754>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5901-6814>. E-mail: marizethandrade@hotmail.com

Recebido em: 15 de junho de 2021

Aprovado em: 20 de julho de 2021